

**ALEMÃES VS BRASILEIROS EM *NO TEMPO DAS TANGERINAS*: A
IDENTIDADE EM QUESTÃO**

GERMAN VS BRAZILIANS IN *NO TEMPO DAS TANGERINAS*: THE IDENTITY IN
QUESTION

Jenifer Royer Thiel¹
Denise Almeida Silva²

RESUMO: O presente trabalho visa analisar a constituição da identidade e diferença no contexto da representação da imigração alemã em Santa Catarina no romance *No tempo das tangerinas* (1983), de Urda A. Klueger. O trabalho apresenta, inicialmente, alguns apontamentos teóricos sobre o assunto em questão, com base, principalmente, no pensamento de pesquisadores dos Estudos Culturais: Tomaz Tadeu da Silva, Kathryn Woodward e Stuart Hall. Segue-se a análise do romance, na qual se evidencia como, no contexto de uma comunidade de imigrantes alemães, as diferenças se constituem tanto através da comparação entre indivíduos pertencentes à própria comunidade imigrante, como com respeito aos não alemães com quem estes entram em contato. Diferenças existem, e são necessárias para a constituição identitária dos sujeitos; ressalta-se a capacidade de lidar com essas diferenças e as relações de poder que instauram e motivam a hierarquização entre um indivíduo ou comunidade e seus outros.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade. Diferença. *No tempo das tangerinas*.

ABSTRACT: This study aims to analyze the constitution of identity and difference in the context of the representation of German immigration in Santa Catarina in Urda A. Klueger's novel *No tempo das tangerinas* (1983). Initially, the essay presents some theoretical appointments about the subject matter, based mainly on the thought of researchers from Cultural Studies: Tomaz Tadeu da Silva, Kathryn Woodward and Stuart Hall. There follows the analysis of the novel, which shows how, in the context of a community of German immigrants, the differences are constituted both by comparing individuals belonging to their own immigrant community, as with respect to non-Germans with who they come into contact. Differences exist, and they are necessary for the identity constitution of the subjects; emphasis is given to the ability to deal with these differences and to the power relations that establish and motivate the hierarchy between an individual or community and its "others".

KEYWORDS: Identity. Difference. *No tempo das tangerinas*.

¹ Possui graduação em Letras - Português e Inglês pela Universidade do Oeste de Santa Catarina (2011). Pós-graduação (especialização) em Psicopedagogia pela FACISA - Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas (2012). Cursando Pós-graduação (Mestrado) em Letras na Universidade Regional Integrada (URI/FW) (2014-2016)

² URI-Universidade Regional Integrada-FW Doutora em Letras (UFRGS). Docente do PPGL- Mestrado em Letras, do Departamento de LLA da URI, Câmpus Frederico Wespthalen/RS.

INTRODUÇÃO

Sabe-se que todo o ser humano não nasceu para viver sozinho. Embora existam características individuais que diferenciam as pessoas, todos são seres sociais que sentem necessidade de estarem envolvidos com outras pessoas, em convívio social. Para isso, passam a pertencer a diferentes grupos, aos quais se afiliam no decorrer de suas vidas; alguns destes são constituídos por indivíduos que compartilham aspirações ou convicções semelhantes. Este é, frequentemente, o caso de comunidades migrantes.

No entanto, mesmo entre indivíduos pertencentes à mesma comunidade, as diferenças são inevitáveis. No caso dos migrantes alemães enfocados no romance de Urda Klueger, tornou-se inevitável, também, o contato com os “brasileiros”. O modo como os personagens são chamados à ação em confronto com os seus outros evidencia um projeto de construção identitária. Esse contexto é especialmente propício para evidenciar como identidade e diferença se relacionam e constituem como processos que envolvem produção social, contribuindo para atribuir sentido à leitura que uma comunidade faz de si mesma e dos seus outros.

Tomaz Tadeu da Silva fornece uma definição sintética de identidade, na qual descreve seu significado tanto afirmativa como negativamente, a partir do que ela *não* é, e do que se pode afirmar ser sua natureza:

[...] a identidade não é uma essência; não é um dado ou um fato – seja da natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder. (SILVA, 2000, p. 96 -97).

Ao serem definidas características que são próprias a uma identidade, automaticamente, delimitar-se-ão diferenças existentes entre um indivíduo e as demais pessoas, ou grupos sociais. É essa diferença presente entre os sujeitos/grupos que caracteriza a identidade, assim como a determinação de características identitárias reforça a existência de diferenças:

[...] Na teoria social contemporânea, a diferença, tal como a identidade, não é um fato, nem um coisa. A diferença, assim como a identidade, é um processo relacional. Diferença e identidade só existem numa

relação de mútua dependência. O que é (a identidade) depende do que não é (a diferença) e vice-versa [...]. (SILVA, 2004, p. 101)

Assim, identidade e diferença são dois processos mutuamente determinados e inseparáveis. Ademais, convém repisar, mais uma vez, seu caráter processual: nenhuma identidade é fixa, estável ao longo do tempo; assim, diferenças podem aumentar, diminuir, ou, simplesmente, mudar.

Da mesma forma com que grupos sociais têm dificuldade de manter suas características, eventualmente, indivíduos também sentem dificuldade de se reconhecerem como parte de algum grupo social. Alguns estão naturalmente inseridos em um contexto social; porém há casos em esse processo é conflituoso. Contudo, as classificações a partir das quais o indivíduo ordena seu mundo são feitas, sempre, a partir do ponto de vista da identidade, razão pela qual, como Silva (2000) percebe, classificar significa hierarquizar. E este é um privilégio daqueles que detêm o poder, e podem, pois, atribuir valores diferentes aos grupos classificados. Por tal motivo, no processo de construção identitária, como Silva ainda observa, os pronomes “‘nós’ e ‘eles’ não são [...] simples distinções gramaticais. [...] mas evidentes indicadores de posições-de-sujeito fortemente marcadas por relações de poder” (SILVA, 2000, p. 82). Percebe-se, pois, que atribuir identidades pressupõe a prática de procedimentos inclusivos e exclusivos.

Na próxima seção analisaremos como se constituem e modificam as posições de sujeito na comunidade alemã enfocada em *No tempo das tangerinas*, na dinâmica de um grupo que, inicialmente fechado em si mesmo, incondicional defensor da pátria-mãe, passa a ostentar diferenças no seio de sua própria comunidade, e é influenciado, ainda, pelo convívio com os “brasileiros”.

A IDENTIDADE ALEMÃ EM “*NO TEMPO DAS TANGERINAS*”

Urda A. Klueger, escritora catarinense, descreve em sua obra *No tempo das Tangerinas*, escrita em 1983, a vida da família Sonne, imigrantes alemães que se estabeleceram em terras brasileiras, em busca de uma vida melhor. Lucy vem para o Brasil logo após a 1ª Guerra Mundial, após ter perdido seus pais no conflito,

refugiando-se na casa de parentes. Mais tarde casa-se com um descendente dos Sonne, que vieram para o Brasil em 1857.

Mesmo anos depois lembra ainda a pátria natal e as privações lá experimentadas, que fazem com que acabe optando pela imigração para o Brasil, como já o fizera seu tio Guilherme. Reconhece as dificuldades econômicas enfrentadas na Alemanha ao fim do século XIX, saudando a vinda para o Brasil como a possibilidade de sobrevivência:

- Ah! Ôpa, mas não dá para esquecer, não dá! Eu vi como minha mãe se acabou de fome. Era só pele e osso, até cega ela ficou, no final. Lembro-me muito bem como o nosso dinheiro perdeu todo o valor, depois do que os franceses e os ingleses fizeram. Priscila e eu cozinávamos um pouco de folha de beterraba, ou qualquer outra porcaria que houvesse, para não morrermos de fome, mas se não fosse o tio Guilherme, que mandou nos buscar para cá, teríamos acabado morrendo mesmo! (KLUEGER, 2008, p. 15)

Em meados de 1938, os boatos começam a divulgar a possibilidade de um novo conflito, a 2ª Guerra Mundial. Lucy, que apesar de estar há anos no Brasil ainda é alemã, apoia a participação de sua pátria no conflito: para ela, estava tudo mais do que certo, pois a Alemanha precisava mostrar para o mundo sua real força, por ter sido derrotada na primeira ocasião. Agora a Alemanha podia contar com Hitler, e o mundo conheceria a potência de sua pátria:

- Era um homem assim que estava faltando para a Alemanha, em 1918 – ela não escondia a admiração pelas ideias arrojadas de Adolph Hitler.
- Só tenho medo de uma coisa, Lucy: que esse homem ponha fogo no mundo! – observou gravemente o avô.
- Ôpa, mas a gente não pode permanecer de braços cruzados depois do que aconteceu! Ninguém mais no mundo vai respeitar a Alemanha se alguma coisa não for feita! (KLUEGER, 2008, p.14)

Contudo, o que Lucy não imaginava é que ela e sua família, mesmo distante da terra natal também seriam afetados. Para se manter informada, a família costumava ouvir as notícias pelo rádio, sintonizado em emissora alemã. A posse do rádio era motivo de grande orgulho para a família, já que era umas das poucas no vilarejo que possuía o aparelho.

Foi por esse meio que souberem, oficialmente, que a Alemanha havia invadido a Polônia, e a guerra estava declarada. O que os mais jovens não podiam entender era o motivo da preocupação e a angústia dos mais velhos com uma guerra que acontecia do outro lado do mundo. Contudo, não demorou muito para os jovens da toda aquela região

fossem convocados para o exército brasileiro e começassem se preparar para participarem da Guerra.

Dona Lucy, até então posicionada a favor da guerra, para provar ao mundo a força do povo alemão, passa a ficar dividida entre a importância da tal revanche ou a vida de dois de seus filhos e do genro, que também haviam sido convocados. Guilherme, um dos filhos, havia acabado de se apaixonar por uma moça do vilarejo, Terezinha; Humberto-Gustav iniciara os estudos no Rio de Janeiro para se tornar veterinário, e o genro, Klaus Wippel, tornar-se-ia pai.

Dos três convocados, apenas Klaus não retornou da guerra, deixando sua esposa grávida. Humberto-Gustav retornou com uma cicatriz na testa, que foi vista como troféu pelos irmãos menores. Guilherme, que começou a sentir os sintomas de malária justo nos dias em que deveriam partir em viagem foi dispensado da batalha, ficando em tratamento no próprio quartel. Até então os surtos de malária amedrontavam as pessoas, mas, neste caso, era melhor contrair a doença, que podia ser tratada e ia passar, do que ir guerrear em terras distantes.

Não havia o que pudesse ser feito para evitar a participação dos jovens: a guerra estava declarada, e o Brasil também havia se envolvido. Restou, à família Sonne, ser forte para criar os demais filhos, e seguir com suas vidas, sua rotina, cuidando dos animais, da casa, indo à igreja aos domingos pela manhã, e reunindo-se com vizinhos domingos à tarde. Essa rotina cultural era comum, as pessoas costumavam se reunir para conversar, um hábito bem marcado por diferenças de gênero: enquanto os homens relatavam experiências com as colheitas e com os animais, as mulheres trocavam receitas e falavam sobre os filhos.

Porém, com a expansão da Guerra para países como o Brasil, surgiu também a repressão às pessoas de origem estrangeira. A maior preocupação do governo era proibir o uso das línguas estrangeiras, o que, na situação de então, correspondia a línguas que cada colônia de imigrantes havia trazido consigo. Era, ainda, proibida qualquer manifestação de apreço ao país de origem.

Essa determinação impactou na vida dos migrantes. Era comum, para os Sonne, o deslocamento de um membro da família até a vila para vender os alimentos que produziam, dentre eles: ovos, leite, queijo, manteiga. Na época da guerra não poderia ser diferente; afinal, a vida deveria seguir, e a família Sonne precisava continuar vendendo seus produtos, e as compradoras precisavam dos alimentos. No entanto,

Emma, a filha encarregada das vendas, continuou fazendo suas vendas na língua proibida, e acabou sendo presa ao ser flagrada por um militar mantendo o diálogo. Contudo, graças aos bons contatos que o pai e o avô tinham na cidade, o incidente foi considerado como um deslize cometido que não voltaria a se repetir, e Emma foi solta ainda no mesmo dia. O susto, porém, foi suficiente para fazer Lucy, a mãe, mudar sua posição também em relação à sua língua materna. Conforme descreve o narrador, instaura-se um clima de medo, e preocupação por sua própria segurança, e a de sua família. Ademais, a obrigatoriedade da adoção do que para ela era uma língua estrangeira não parece ter sido tão aflitiva para ela quanto a realidade da destruição de sua pátria por bombardeios aliados:

Novamente Lucy Sonne sentiu-se amedrontada e, talvez pensando na sua própria segurança, ou mais provavelmente, na segurança dos filhos, capitulou e passou a querer aprender o português. Guilherme achava assaz estranho ver a mãe entremeando palavras portuguesas no seu alemão clássico, com um jeito indiferente de quem não se sentia humilhada. Ele ficava pensando no que ela detestaria mais: deixar de falar o alemão ou ficar sabendo, diariamente, que os aviões aliados continuavam bombardeando pesadamente as cidades alemãs. (KLUEGER, 2008, p.132)

Essa decisão de Lucy Sonne ilustra o caráter não essencialista com que a personagem é construída pela romancista: suas características identitárias vão sendo alteradas com o passar do tempo e as modificações ocorridas no cenário social e político. Ao início do romance, Lucy fortemente rejeitara toda e qualquer adesão ao aprendizado do português, opondo-se completamente a que os filhos aprendessem o idioma nacional brasileiro. A narração enfatiza o fato de que não havia, na colônia alemã e no interior da família Sonne, uniformidade quanto a esse fato: o pai apoiava o aprendizado da língua pelos filhos, reconhecendo que eram brasileiros. A mãe, pelo contrário, adotava como princípio de nacionalidade o critério do sangue: sua progênie tinha “sangue [...] alemão puro”. Outra razão, ainda, para justificar o não interesse no aprendizado da língua relacionava-se à idade do migrante, já que o avô dizia-se muito velho para aprender uma nova língua:

Quando Anneliese, Priscila e Wilhelm vieram da cozinha, depois de terminadas as lições, o rádio estava transmitindo em português. Eles prestaram atenção: estavam aprendendo português na escola e gostavam de ficar ouvindo o rádio para se familiarizarem com os sons, já que em casa nunca se falava português, bem como em quase todos os lugares que frequentavam. Guilherme, que deixara a escola naquele ano, também sabia um pouco, mas o pai e o avô só conheciam uma ou outra palavra. O pai incentivava o aprendizado do português. Deixava

muitas vezes o rádio ligado em emissoras brasileiras e mesmo pedia que os filhos lhe ensinassem o que aprendiam, mas o avô, que desde que ficara viúvo deixara de interessar-se por muitas coisas, dizia-se muito velho para aprender uma nova e difícil língua, Porém, a mãe era irredutível: ela era alemã e pronto.

- O sangue das crianças é alemão! Não sei por que você vê tanta importância em que passem a falar português! – dizia ela ao pai, refratária a qualquer insinuação de nacionalização.

- Lucy, eles são brasileiros. Vão precisar saber a língua, para poderem viver neste país, futuramente. Eu me lembro muito bem do que aconteceu na última guerra. Eu era um garoto ainda e a nossa escola foi fechada só porque não ensinava português. O alemão foi proibido, as pessoas evitavam falar qualquer coisa, a não ser que fosse em casa, com medo de serem presas. Você vai ver o que acontecerá se a guerra que você tanto espera vier: vão proibir o alemão de novo. [...]

- Sim, mas o sangue deles é alemão puro

[...] A mãe fremia de indignação diante disso, mas não podia dizer nada. Ficava vermelha e suas bochechas tremiam, como sempre que se zangava, mas não tinha argumentos para rebater o pai. (KLUEGER, 2008, p.15-16)

Como se percebeu no primeiro dos dois últimos textos citados, Lucy, que inicialmente era contra o aprendizado da língua portuguesa por seus filhos, pois eles eram alemães puros, no momento em que a guerra assombra sua casa e expõe seus filhos ao risco de uma prisão, passa a concordar e até se interessar pelo aprendizado da língua oficial do país em que residem independentemente de sua língua materna.

A repressão aos imigrantes, que eventualmente poderiam posicionar-se a favor do nazismo, não se limitou ao combate da língua materna; qualquer manifestação de apreço ou interesse em saber o que acontecia no país de origem era vista como movimento contra o Brasil. O fato de ouvir a rádio alemã ou manter quadros com orações em língua alemã expostos na parede de sua própria casa já era motivo da presença de militares nas residências para averiguar o fato. Com isso, os moradores acabavam sendo obrigados a mudarem seus hábitos para não correrem riscos, o que provocou a diminuição das manifestações culturais. Mantiveram, contudo, suas tradições e costumes, embora de forma discreta, de forma que não fossem notados por algum espião do governo, ou qualquer outra pessoa mal-intencionada que pudesse denunciá-los. Conforme a seguinte passagem do romance, fica evidente que as pessoas mantinham algumas tradições, porém com muito cuidado: “Na realidade, os Sonne ouviam diariamente as transmissões alemães, quando não havia visitas, é claro.” (Klueger, 2008, p. 142)

Após o período de restrição, puderam retomar seus hábitos culturais e repassar seus costumes às novas gerações, mesmo que as marcas da repressão tenham permanecido na memória.

No decorrer dos anos, tanto Guilherme quanto Hermann haviam aprendido a falar corretamente o português, mas seu sotaque continuava carregado, forçado principalmente nos erres que, pronunciados por eles, tinham uma sonoridade toda especial, inimitável para quem não tivesse crescido falando exclusivamente o alemão. A cidade toda agora falava português e a velha língua só era usada nas reuniões em família ou em alguns ambientes tradicionais, embora as pessoas mais idosas continuassem a fazer suas compras e a conversar na rua em alemão. [...] (KLUEGER, 2008, p. 155)

Sabe-se que a construção da identidade passa pelo viés simbólico e social. Este determina as características a serem adotadas pelo sujeito para que possa se juntar ao grupo aquele representa as manifestações culturais, características de tal grupo, ou seja, a forma com que o sujeito age, representando sua identidade (WOODWARD, 2000). Dessa forma, não é somente por palavras que o sujeito vai definir sua identidade, mas suas atitudes irão comprovar ou denunciar seu pertencimento identitário. Os dois aspectos, por mais que difiram um do outro, são primordiais para construção de manutenção das identidades.

Nesse sentido, é relevante analisar a posição tomada pela personagem Lucy perante o namoro do filho, Guilherme, com a brasileira Terezinha. Dona Lucy sempre quis ver seus filhos felizes, porém o que ela não esperava era que seu filho, tão querido, responsável, consciente, fosse se apaixonar justamente por uma moça que viera de fora, e havia se estabelecido no vilarejo para trabalhar na fábrica. Além do preconceito “racial” e social, havia o preconceito religioso: Guilherme sabia quão dura seria a batalha para convencer a mãe a aceitar o namoro, uma vez que Terezinha, bem como sua descendência, não era conhecida pela família do rapaz, e para complicar ainda mais a situação, era de outra religião que a da família Sonne.

O namoro dos dois foi escondido até o dia em que a irmã de Guilherme contou a novidade e, conforme o esperado, a reação de Lucy não foi nada agradável:

A mãe ficou indignada. Tentou disfarçar, mas suas bochechas começaram a tremer incontrolavelmente e sua voz se alterou.
- Já lhe disse por que. Cabocla, católica, outro sangue, outro tipo de gente. [...] Não, nem quero pensar! Um filho meu misturando-se com uma brasileira! Não, Guilherme, pode esquecer! Ela não serve para você. Você precisa de alguém da sua raça, da sua gente! Acha que seria feliz ao lado de uma mulher desse tipo? Não, não e não! (KLUEGER, 2008, p. 87)

Essa passagem evidencia a presença de dualismo, ou seja, elementos, opostos entre si, a partir dos quais a identidade é concebida em termos de oposições binárias. No exemplo acima, tem-se as dualidades cabocla *vs.* alemã, católica *vs.* não católica (judeu) e, portanto, “nossa gente” *vs.* “os outros”. Conforme Woodward (2000, p.51), “[...] nesses dualismos um dos termos é sempre valorizado mais que o outro: um é a norma e o outro é o “outro” – visto como “desviante ou de fora”. Para Lucy, sua família era a parte correta (a norma) pois são judeus, opondo-se à Terezinha que era católica (o outro). Conforme a matriarca, os Sonne têm origem, são sangue puro, mas Terezinha é brasileira, cabocla, e por isso não pode ser boa pessoa. Assim, com todas essas características negativas, Lucy nem precisou conhecer pessoalmente a moça para saber que o relacionamento não era boa ideia. Porém Guilherme não desistiu, e resolveu enfrentar, com cautela, a convicção totalmente preconceituosa de sua mãe. Ele pode contar com a ajuda do pai e do avô, e assim continuou encontrando-se com a moça, pois sabia que não estava sendo traído por seus sentimentos.

Mais tarde, muitos anos mais tarde, quando Lucy Sonne já era uma velhinha, foi que ela confessou para Guilherme que só acabara aceitando o seu namoro por medo de que talvez ele acabasse indo para a guerra. Se acontecesse de ele morrer lá, ela queria ao menos poder lembrar-se de que seu filho fora feliz da forma como escolhera. Não quisera ter o remorso de, talvez, impedir a felicidade de um filho que morava no seu coração, embora achasse que, se ele não fosse para a guerra, acabaria sendo infeliz com uma mulher de outra raça. (KLUEGER, 2008, p. 124-125)

É particularmente nítido, nesse conceito, o modo pelo qual a noção de raça é instituída como fator de diferença e hierarquização. Como Ore (2000) comenta, raça denota um grupo de pessoas que percebe a si mesmo e é percebido pelos outros como possuidor de traços hereditários distintivos: no romance de Klueger, é o “sangue” que traça a distinção entre alemães e brasileiros, pertencentes e não pertencentes. Por outro lado, não se pode deixar de afirmar que também há, na obra, traços culturais como língua, religião e hábitos que são elevados a categorias diferenciais – Omi e Winant (2000) registram que o que importa para a construção de categorias raciais não é tanto a percepção da própria raça, mas o reconhecimento de nossa afiliação ou não a Lea por parte de instituições sociais. Tanto categorias raciais como étnicas proveem hierarquia que estabelecer raças inferiores e superiores, para o que concorrem instituições econômicas e políticas, dentre outras, as quais detêm o poder de fixar seus outros como inferiores a si.

Por outro lado, o pavor que Lucy Sonne experimenta ao descobrir o relacionamento do filho com uma “brasileira” parece se ligar ao conceito de degeneração racial através da mistura de raças. Conforme detalhadamente exposto por Magnoli (2009), a noção tem origem na “ciência das raças”, a qual, nascida ao final do século XVIII, viria a se desdobrar, tragicamente, até a Segunda Guerra Mundial. Esse suposto “racismo científico” prescrevia que as famílias humanas poderiam ser classificadas por suas essências biológicas. Segundo Carolus Linnaeus, criador da primeira taxonomia racial, em meados do século XVIII, o *Homo sapiens* abrangia quatro raças, caracterizadas pela cor da pele e pelo lugar de sua proveniência: o *Europeanus*, branco, era constituído por pessoas criativas, inteligentes e gentis; o *Americanus*, ou seja, o índios americano, era teimoso e irritadiço, o Asiaticus sofria de dificuldades de concentração, e o *Africanus* era dado à lassidão e à preguiça. Dadas as disparidades entre as raças, e a evidente superioridade da europeia, um tema que permeou as discussões dos naturalistas ao longo do século XVIII foi o debate sobre a origem comum ou separada das raças humanas, conforme admitido por, respectivamente, monogenistas ou poligenistas.

Deve-se a Arthur de Gobineau um papel crucial no desenvolvimento do pensamento racial. Seu **Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas** (1853; 1855) defende que a história deriva, basicamente, da dinâmica das raças; admite três grandes completos raciais, o branco, o amarelo e o negro, mas atribui à ação direta do primeiro o desenvolvimento da história humana. Outra influência importante para o desenvolvimento do racismo ariano foram pensamento eugenista de Madison Grant e as noções defendidas por Houston Stewart Chamberlain, discípulo de Gobineau, e autor de **As fundações do século XIX**. Chamberlain defende a continuidade da Europa clássica à contemporânea via povos germânicos, “herdeiros legais dos helenos e dos romanos, sangue do seu sangue e alma de sua alma” (CHAMBERLAIN, 1912, p. 495, apud MAGNOLI, 2009, p. 40). Embora não ignorasse as misturas de raças, o pensamento de Chamberlain incluía uma estratificação de misturas; elementos muito distintos (ou seja brancos e indivíduos com outras pigmentações) produziram mestiços, raças fundamentalmente degeneradas e, pois, condenadas à decadência. Ainda outra influência foi o racismo de Rosenberg, o qual aprofunda a teoria das degeneração gerada pela mistura racial, discorrendo sobre as influências evidenciadas através da influência semita sobre a arte e a cultura, e afirmando uma “religião de sangue”, a qual

expressaria a nobreza do caráter ariano, constituído pelo conjunto dos povos nórdicos: germânicos, britânicos, escandinavos, holandeses e bálticos. Enquanto emanções do judaísmo – considerado como uma raça degenerada, dado os múltiplos cruzamentos entre semitas, árabes beduínos, hititas ou sírios – ameaçavam destruir a civilização, o mito do sangue, ou seja os supremos valores organicamente estabelecidos de cada nação, oferecia esperança de regeneração e progresso.

Uma vez que se compreenda como a ideia da pureza racial estava disseminada e associada à noção de sanidade, bondade e progresso, compreende-se não só a forte oposição da matriarca dos Sonne ao casamento com alguém de “sangue” tão diverso, como seu amor pelo filho, ao aceitar o relacionamento, dado que este o fazia feliz. Assim, a família doa, até, uma casa como incentivo para que o filho, juntamente com sua nova família, continuasse os trabalhos na terra, conforme gostava de fazer.

Nesse episódio, pode-se perceber que a posição identitária de mãe da personagem Lucy, se sobressai em relação a sua posição identitária de patriota. Isso também acontece em relação a outras situações em que a família esteve envolvida, ou seja, Lucy, como imigrante alemã, defendeu suas convicções e crenças até onde foi possível, mas passou a mudar seu pensamento em prol do bem-estar de toda sua família.

- Por que teve que haver esta guerra? – perguntava ela agora, com os olhos pisados de tanto chorar, esquecida de como desejara antes que a Alemanha lavasse a honra e mostrasse ao mundo o quanto era poderosa. Provavelmente, ela nunca pensara que seu próprio filho e seu genro acabariam indo para a guerra e ainda por cima, do lado contrário, tendo que atirar e matar soldados que tinham o mesmo puro sangue alemão que eles e, quem sabe, ser mortos pelos soldados da sua pátria ancestral. (KLUEGER, 2008, p. 146)

Fica, assim, evidente a posição de Lucy, preocupada em defender e prezar pelo bem de sua família. A mesma personagem que, ao tomar conhecimento da possibilidade de guerra, posicionou-se a favor do movimento para restaurar o orgulho pátrio, ferido com a primeira derrota, muda seu conceito ao perceber que a guerra estava pondo em risco a harmonia de sua família, e a vida de seus filhos e genro. Assim, a prioridade de Lucy passou a ser sua família, e não um país que, apesar de ter feito parte de um momento muito marcante em sua vida, já nem era mais o seu, desde o momento em que fora trazida para o Brasil por um tio, ao ver os parentes passando fome, e outros morrendo, durante a Primeira Guerra Mundial, no território alemão.

REFLEXÕES CONCLUSIVAS

Considera-se que o romance, assim como toda literatura, não tenha compromisso com o real, embora busque elementos a partir dele. A obra analisada se ateu a construir fatos que se assemelham à história de várias famílias que haviam se estabelecido nas colônias. Aliando o real à fantasia, e com descrição minuciosa de ambientes e momentos, a obra de Urda A. Klueger instiga o leitor a imaginar os locais descritos, por vezes assemelhados aos já estabelecidos em suas lembranças, já que, como escritora regional, a romancista parece ter, entre seu público primeiro, indivíduos que, como ela, tem suas raízes na comunidade de imigrantes alemães.

Pode-se reconhecer, na obra analisada, a afirmação da identidade da personagem Lucy por meio de contraste com seus outros: a personagem, ao longo do romance, estabelece firme linha demarcatória entre os Sonne, descendentes de alemães, e os “outros”, brasileiros. Percebida a partir da ótica de Lucy Sonne, não se pode dizer que essa é uma comunidade multicultural, ou seja, “sociedade na qual diferentes comunidades culturais convivem e tentam construir uma vida em comum, ao mesmo tempo em que retêm algo de sua identidade “original” (HALL, 2003, p. 50). A aceitação da multiculturalidade exige maturidade dos sujeitos, um reconhecimento do outro como igual, embora diverso, aceito, com suas especificidades próprias em convívio harmonioso.

Pode-se comparar a homogeneização desejada e defendida por Lucy com a posição assumida pela ditadura imposta na época de Guerra no Brasil, que acabava operando no sentido de tornar as pessoas semelhantes. Em ambos os casos, há um indivíduo ou instituição que se considera superior, privilegiado, e almeja ter as demais pessoas, a massa, pensando e agindo do de acordo com suas concepções.

Por outro lado, o avô sempre reconheceu e aceitou a presença de pessoas com outros credos e descendências; Lucy, contudo, demorou para ser capaz de conviver com pessoas cujas características e hábitos culturais diferiam dos dela. O exemplo mais marcante desse posicionamento é sua oposição à miscigenação cultural representada pela aceitação do casamento de Guilherme e Terezinha. Por fim, contudo, a posição identitária de mãe triunfou, cooperando para o aceite o do outro como sujeito dotado de integridade e dignidade suficiente para ser integrado ao seu grupo familiar e comunitário.

REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo : Companhia das Letras, 1992.

HALL, Stuart. **Da diáspora** : Identidades e mediações culturais / Stuart Hall; Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende ... [et al]. Belo Horizonte : Editora UFMG, 2003.

KLUEGER, Urda Alice. **No tempo das tangerinas**. 11ª ed. Blumenau: Hemisfério Sul, 2008.

MAGNOLI, Demetrio. **Uma gota de sangue**: história do pensamento racial. São Paulo: Contexto, 2009.

ORE, Tracy E. **The social construction of difference and inequality**: race, class, gender and sexuality. Mountain View, Ca.: Mayfield, 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença** : a perspectiva dos estudos culturais / Tomaz Tadeu da Silva (org.), Stuart Hall, Kathryn Woodward. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2000.

_____, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade** : uma introdução às teorias do currículo. 2ª edição. 6ª reimp. Belo Horizonte : Autêntica, 2004.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença** : a perspectiva dos estudos culturais / Tomaz Tadeu da Silva (org.), Stuart Hall, Kathryn Woodward. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2000.

Data de recebimento: 31/07/2015

Data de aprovação: 10/12/2015